

ATITUDES EM RELAÇÃO À VELHICE: Uma Revisão da Literatura

2ª parte – ESTUDOS INVESTIGANDO VARIÁVEIS INDIVIDUAIS DE NATUREZA PSICOLÓGICA E SOCIOLOGICA*.

Anita Liberalesso NERI**

RESUMO

Este artigo analisa instrumentos, dados e interpretações veiculados por uma amostra de pesquisa (1945-1987) sobre relações entre atitudes em relação à velhice e variáveis psicossociais (como idade, sexo, escolaridade e profissão). Apresenta uma análise conceitual e metodológica, concluindo que não existe evidência suficiente para se afirmar que predominam atitudes negativas em indivíduos ou pequenos grupos. Os instrumentos não são adequadamente discriminativos e os níveis de análise não são definidos com clareza. Trata-se de uma área de pesquisa atórica, talvez afetada pelos mesmos preconceitos apontados pela Gerontologia.

A consideração de variáveis individuais ou de pequenos grupos, de natureza psicológica e sociológica, constitui-se numa tradicional vertente de pesquisa na área de atitudes em relação à velhice. Desde os anos 50 até os nossos dias, vários autores, em diversos países, têm publicado estudos que investigaram, por exemplo, como as variáveis idade, sexo, classe social,

(*) Texto extraído da Tese de Livre Docência da autora – **Envelhecer num País de Jovens. Significado de Velho e Velhice segundo Brasileiros não Idosos**. Unicamp, 1988.

(**) Profª da Fac. de Educação Unicamp.

escolaridade, profissão, etnia, raça, fatores atitudinais e de personalidade se correlacionaram com a variável em questão.

A exemplo do que acontece na pesquisa transcultural, nesta também transparece grande confusão de dados, interpretações e procedimentos. Não existem justificativas suficientes para se investigar os dados coletados por boa parte dessas pesquisas. Fala-se muito em rastrear a questão e, via de regra, as pesquisas são realizadas a partir de pontos de vista preconceituosos e empiristas. As confusões conceituais são observáveis igualmente na definição de termos como "atitudes", "opiniões", "crenças", "conhecimentos", "sentimentos" e "percepções", via de regra usados como sinônimos e sem considerações sobre seu significado. Este estado de coisas tende a se refletir na escolha e na construção de instrumentos, na seleção das amostras e nas interpretações feitas a partir dos dados. Assim, por exemplo, os termos "velho", "velhice" e "envelhecimento", demográfica, social ou individualmente falando, são usados de maneira intercambiável. Essas questões serão retomadas ao final deste texto.

Este artigo é dedicado à análise dos instrumentos mais utilizados na área; das amostras e variáveis mais focalizadas (principalmente sexo e idade); dos principais resultados encontrados e das interpretações realizadas a partir deles.

INSTRUMENTOS REPRESENTATIVOS

O instrumento mais antigo encontrado na literatura foi construído por Dinkel (1944, apud Mc Tavish, 1971) para avaliar atitudes de filhos em relação ao cuidado de pais idosos. Continha 20 afirmações sobre responsabilidade filial e expectativas dos pais idosos.

Tuckman e Lorge porém são considerados os grandes impulsionadores do interesse pelo estudo das atitudes em relação a velhos, a partir do desenvolvimento de duas escalas. Uma incluía 51 afirmações expressando pontos de vista errôneos sobre trabalhadores idosos, definidos como pessoas acima de 45 anos (Tuckman e Lorge, 1952a). A outra continha 137 afirmações expressando pontos de vista errôneos sobre

velhos em geral, de idade não especificada (Tuckman e Lorge, 1953). As respostas eram tipo "Sim" e "Não".

O questionário sobre trabalhadores idosos inquiria principalmente sobre relações interpessoais, declínio mental e atitudes em relação ao trabalho. Segundo Tuckman e Lorge (1958), afirmações tais como: **Os velhos necessitam de óculos para ler, Eles são lentos, Eles perderam a maioria dos dentes,** tinham apoio em evidências experimentais. Porém, a maioria delas, como por exemplo **Os velhos são pessoas de difícil convivência, Eles nunca tomam banho, Trabalhadores mais velhos não aceitam crítica sem demonstrar raiva,** tinham escasso ou nenhum suporte em pesquisa empírica.

Os 137 itens da escala sobre pessoas idosas (Tuckman e Lorge, 1953), eram classificados em 13 categorias: Física (subdividida em Sentidos, Digestão, Coordenação, Homeostase, Doenças e Acidentes, Fadiga, Desconforto, Voz e Morte), Finanças, Conservadorismo, Família, Atitude quanto ao Futuro, Insegurança, Deterioração Mental, Atividades e Interesses, Traços de Personalidade, Melhor Época da Vida, Sexo, Asseio e Interferência. Também no caso desta escala, a interferência de uma perspectiva teórica específica é mínima. Os autores relatam ter-se apoiado principalmente na experiência pessoal, em entrevistas com agentes de serviços públicos, empregadores e clínicos. Não há relatos sobre medidas de validade e fidedignidade da primeira. Axelrod e Eisdorfer (1961) examinaram a validade de constructo da segunda.

A escala sobre trabalhadores idosos foi muito pouco usada, ao contrário da segunda que vem sendo usada até hoje e serviu de base para a construção de vários outros instrumentos. O Tuckman-Lorge Questionnaire-TLQ – foi aplicado a estudantes universitários (Tuckman e Lorge, 1953 e Perril, 1963); a calouros de Universidade e seus pais (Tuckman, Lorge e Spooner, 1953); a estudantes do 2º grau (Tuckman, Lorge e Abrams, 1954a); a idosos asilados e não-asilados (Tuckman e Lorge, 1952b e 1958; Keith, 1977); a quatro diferentes grupos etários (Tuckman e Lorge, 1953); a jovens em comparação com velhos (Dulcey e Ardila, 1976); as pessoas com e sem experiências com idosos (Tuckman e Lorge, 1958) e a pessoal de

enfermagem geriátrica (Tuckman e Lorge, 1954b; Gunter, 1971; Campbell, 1971; Willite e Johnson, 1976; Meyer, 1980; Tollet e Abramson, 1982; Tolett e Thornby, 1982 e Schuster, 1985).

Axelrod e Eisdorfer (1961) e Dulcey e Ardila (1976) modificaram e utilizaram o TLQ. Os primeiros aplicaram-no a 5 grupos de estudantes, cada um dos quais com uma diferente instrução sobre a idade da pessoa que estavam avaliando (35, 45, 55, 65 e 75 anos). Com base nas respostas reduziram a escala original a 96 itens, avaliando velhice. Em análise posterior, Eisdorfer (1966 apud Kilty e Feld, 1976) verificou que apenas 79 desses itens discriminavam entre velhos e jovens. Esta nova escala revisada foi utilizada por Lane (1964), Becker e Taylor (1966), Pihlblad, Rosencranz e Mc Nevin (1967) (apud Kilty e Feld, 1976) e Wingard, Heath e Himelstein (1982).

As escalas do tipo **Likert** representam um avanço em relação às dicotômicas, na medida em que teoricamente não forçam a resposta dos sujeitos para dois pontos mutuamente exclusivos, e que lhes permite dimensioná-la ao longo de um contínuo. Na literatura sobre atitudes em relação à velhice, essa modalidade é representada pelos instrumentos desenvolvidos por Kogan (1961), Kilty e Feld (1976) e Sheppard (1980).

Kogan (1961) desenvolveu uma escala com 17 pares de itens positivos e 17 negativos, extraídos da literatura sobre preconceito racial, cobrindo áreas como residência, tensão, homogeneidade, relações intergeracionais, dependência, estilo cognitivo, aparência pessoal e poder. Os escores negativos e positivos, em separado, eram obtidos calculando-se as médias ponderadas das respostas aos respectivos itens, avaliados, em escalas de 6 pontos. Foram encontrados índices de 0,66 e 0,83 de confiabilidade, respectivamente para os itens positivos e os negativos. Kogan e Shelton (1962a) e Ivester e King (1977) posteriormente utilizaram esse instrumento.

O **Life Satisfaction Index** desenvolvido por Neugarten, Havighurst e Tobin (1961) para medir os sentimentos de idosos quanto a seu bem estar contém dois módulos. O primeiro (A) inclui 20 afirmações sobre modos de vida, atitudes e valores, às quais o sujeito responde **concordo**, **discordo** ou **não tenho certeza**. O B envolve 12 perguntas cobrindo os mesmos aspectos, com 3 alternativas para resposta em cada

uma. As dimensões avaliadas são cinco: envolvimento e apatia; resolução e fortaleza; congruência entre metas pretendidas e realizadas e humor. Foi utilizado entre outros por Cool (1981) e Caspi e Elder (1980). Além disso, vários estudiosos o tomaram como base para construir novos instrumentos.

Kilty e Feld (1976) elaboraram uma outra escala tipo Likert, esta para avaliar atitudes em relação ao envelhecimento e às necessidades de pessoas idosas. Consiste num conjunto de 45 afirmações (crenças), selecionadas dentre os itens das duas escalas de Tuckman e Lorge (1952b e 1953), da escala Kogan (1961) e da escala Srole de alienação (1956); alguns foram especificamente construídos pelos autores. Esse material foi posteriormente aplicado a uma amostra de 471 sujeitos entre 18 e 59 anos e com mais de 60 anos, e submetido à análise fatorial. Foram exploradas dimensões da percepção social e estereotípica, além da eventual comunalidade entre as estruturas de crenças dos dois grupos de idade. A análise fatorial resultou numa estrutura fatorial comum aos dois grupos de idade, mas a maior parte dos fatores se revelou específica e diferenciada. A estrutura de crenças do grupo mais velho foi mais complexa e variada do que a dos mais jovens (Kilty e Feld, 1976).

No Brasil, Gonçalves (1980) elaborou uma escala tipo Likert contendo 26 itens do tipo crenças, para ser utilizado com adultos, mas não realizou validação.

O Inventário Sheppard para medida de atitudes em relação à velhice contém 20 afirmações analisáveis a partir de um contínuo de 4 pontos. Parte dos itens foi inspirada no Life Satisfaction Index (Neugarten e col., 1961), parte na literatura gerontológica e parte em dados de pesquisa da autora sobre a imagem do velho em tiras de humor. Cobre os aspectos físico, psicológico e social. Foi feita uma análise fatorial, a partir dos dados obtidos com 524 sujeitos entre 17 e 48 anos. Ela revelou que os itens são correlacionados e que há quatro dimensões responsáveis pela variância: expectativa quanto à atividade, sentimentos em relação à velhice, expectativas em relação à satisfação e ansiedade em relação à morte. O Inventário Sheppard foi submetido a testes de confiabilidade pelo método de teste-reteste ($r = 0,86$ e de análise de itens ($r = 0,83$) (Sheppard, 1980). Neri (1986) realizou uma adaptação desse

material para o português, através dos métodos de teste-reteste com sujeitos bilingües, teste-reteste com brasileiros, comparação com outro instrumento, e análise facial lógica quanto às dimensões e polaridade dos itens. Os resultados evidenciaram correspondência entre a versão original e a tradução do Inventário para o português.

O estudo de atitudes em relação ao velho por meio do **Diferencial Semântico** foi iniciado por Rosencranz e Mc Nevin (1969), que desenvolveram um conjunto de itens para avaliar as intensidades de estereótipos e determinar as suas dimensões. Administraram-nos a 287 sujeitos entre 17 e 21 anos de idade, pedindo-lhes que avaliassem homens entre 20 e 30 anos, 40 e 55 anos e 70 a 85 anos de idade. Efetuaram uma análise fatorial sobre os dados resultantes, com o intuito de refinar o conteúdo do instrumento. Ao final, ele ficou composto por 32 itens dimensionados por 3 fatores: Instrumental-Ineficaz; Autônomo-Dependente e Aceitabilidade-Não-Aceitabilidade Social. Numerosos investigadores, como Cyrns e Monk (1973); Bell e Stanfield (1973); Holtzman, Beck e Kerber (1979); Sherman e Gold (1978-79); Holtzman e col, 1979; Holtzman e Akyiama (1985); Luszcz (1983) e Gekoski e col. (1985) vieram a utilizar esse Diferencial Semântico. Holtzman e col. (1979) reanalisaram a solução fatorial e discriminaram uma outra dimensão, previamente incluída em Autônomo-Dependente ou Aceitabilidade-Não-Aceitabilidade Social. Utilizaram a denominação Integrado-Não-Integrado para designá-la e interpretaram-na como indicativa da extensão da resolução da crise eriksoniana de Desespero x Integridade (apud Luszcz, 1983).

Collette-Pratt (1976) construiu uma escala diferencial semântica e selecionou 7 pares de adjetivos com alta saturação no fator avaliativo (bom-mau; otimista-pessimista; completo-incompleto; oportuno-inoportuno; positivo-negativo; importante-sem importância) para investigar os preditores atitudinais da desvalorização do idoso, em comparação com pessoas de outras faixas etárias.

Sanders e col. (1984) desenvolveram uma outra escala diferencial semântica com 20 itens, avaliando atitudes em relação a seis grupos de idosos (homens e mulheres de 65 a 74, 75-99 e de 100 ou mais anos de idade).

Golde e Kogan (1959), Kogan (1961), Kogan e Shelton (1962a e 1962b) descreveram um procedimento de **completamento de sentenças** para avaliar atitudes em relação a "velhos" e a "pessoas em geral", a serem analisadas mediante análise de conteúdo. Os itens refletem características emocionais, físicas, de relacionamento interpessoal e valores. Esse material foi utilizado por exemplo por House e Gaitz e por Traxler (1971, apud Mc Tavish, 1971).

Vários autores têm usado como estímulo antecedentes, **cartões contendo figuras de pessoas aparentando várias idades** (Neugarten e Gutmann, 1958, apud Mc Tavish, 1971; Britton e Britton, 1970; Fry, 1976; Seefeldt e col., 1977, Kogan, 1979a e Mitchel e col. 1985).

Os instrumentos até aqui arrolados são os mais citados e influentes na literatura. Vários outros pesquisadores descrevem a utilização de **outros instrumentos e técnicas** tais como: a) avaliação das "contingências etárias", a respeito de quais são os comportamentos tidos como adequados para adultos de um modo geral e para adultos de outras faixas etárias (Neugarten e col., 1965 e Troll e Schollsberg, 1970); b) análise de conteúdo de ensaios infantis sobre "Um velho parecido com meus avós" (Hickey e col., 1968), de discussões gravadas de pessoal hospitalar (Coe, 1967, apud Mc Tavish, 1971) e de opiniões emitidas frente a itens de entrevista abertos, fechados e mistos (Nery e Wagner, 1985); c) questionários (Carp, 1967); d) escala para avaliação de atitudes e conhecimentos sobre a sexualidade no idoso, contendo 35 questões do tipo "falso-verdadeiro" – "não sei" e 26 tipo Likert (White, 1982) e e) check-list com 35 itens para avaliar atitudes em relação à menopausa (Neugarten e col., 1963).

A grande variabilidade dos conteúdos e das concepções teóricas e empíricas subjacentes à construção e ao uso de diferentes instrumentos, para avaliar percepções individuais sobre idosos, dá bem uma idéia da controvérsia existente. Essa variabilidade dificulta a compreensão mais clara do problema, na medida em que nem se sabe ao certo se os instrumentos são comparáveis entre si. Nos últimos dez anos, têm surgido importantes artigos de crítica metodológica propondo várias formas de avaliação interna e de refinamento dos instrumentos. O item 4 desta resenha tratará desse assunto.

PRINCIPAIS AMOSTRAS ESTUDADAS

Os grupos estudados foram principalmente estudantes universitários, crianças, jovens, idosos, adultos e pessoas de meia-idade; profissionais de enfermagem, padres e pastores, clínicos, entrevistadores e executivos; pessoas empregadas e desempregadas, e velhos asilados e não-asilados.

IDADE E SEXO COMO CORRELATOS DE ATITUDES EM RELAÇÃO A VELHOS E VELHICE

Idade e sexo, isoladamente, em conjunto ou associados a outros, são os fatores mais explorados em pesquisas sobre atitudes frente à velhice.

A investigação sobre as percepções de crianças sobre velhos tem sido justificada pela idéia, que encontra respaldo na Psicologia do Desenvolvimento e na Psicologia Social, de que atitudes e estereótipos se desenvolvem precocemente e tendem a permanecer como influências relativamente estáveis (Seefeldt e col., 1977).

As metodologias utilizadas variam. Desde 1939, bonecas, desenhos e fotografias têm se prestado à avaliação de orientações gerais de valor a respeito de grupos étnicos e raciais (Mitchell e col., 1985). Os gerontólogos estenderam essa prática à pesquisa sobre atitudes em relação a velhos (Looft, 1971; Lawrence, 1975; Thomas e Yamamoto, 1975; Seefeldt e col., 1977; Sheehan, 1978; Mitchell, 1985). Outros, como Hickey e col. (1968) usaram produções escritas das crianças, diferencial semântico ou entrevistas (Thomas e Yamamoto, 1975; Jantz e col., 1977; Seefeldt e col., 1977 e Weinberger, 1979).

As conclusões dessas pesquisas são confusas. Thomas e Yamamoto (1975) e Sheehan (1978) verificaram que entre 5 e 6 anos as crianças já discriminam características relacionadas à idade em fotos de idosos, principalmente se interagem frequentemente com eles. Thomas e Yamamoto (1975) concluíram que, embora as respostas de seus sujeitos tendam a ser emocionais e baseadas em encontros limitados, as crianças percebem o velho positivamente; Jantz (1977) e Weinberger (1979) en-

contraram atitudes negativas; Seefeldt (1977) encontrou percepções mais negativas em pré-escolares residentes em zona rural do que em zona urbana; Jantz e col. (1977) por sua vez encontraram percepções mais positivas entre crianças negras e de zona rural, do que em brancas de zona urbana.

A revisão da literatura sobre atitudes de adolescentes e jovens em relação ao idoso sugere fortemente que predomina uma visão negativa (Tuckman e Lorge, 1953; Axelrod e Eisdorfer, 1961; Kastembaum e Durkee, 1964, apud Sanders e col. (1984); Hickey e Kalish, 1968; Mc Tavish, 1971; Weimberger e Milham (1975); Harris e col., 1975, apud Shaver, 1979). Outras pesquisas demonstraram que "adultos mais velhos" são vistos de modo mais negativo do que "adultos mais jovens" (Sanders e col., 1984; Hickey e Kalish, 1956; O'Connell e Rotter, 1979; Rosencranz e Mc Nevin, 1969). Paralelamente, Bell e Stanfield (1973), Kogan e Shelton (1962) e Lane (1964) encontraram resultados neutros. Kogan (1961) e Ivester (1975), exceções, encontraram em jovens, percepções positivas em relação ao idoso.

Uma outra tendência que se pronuncia é a de focalizar a comparação de atitudes de sujeitos em diferentes faixas etárias (Kogan e Shelton, 1962a; Thorson, 1975; Kilty e Feld, 1976; Collette-Prett, 1976; Dulcey e Ardila, 1976; Neri e Wagner, 1985), com resultados igualmente inconclusivos.

Mais raramente se tem perguntado aos próprios idosos o que acham da velhice. Esses estudos em geral focalizam auto-satisfação e auto-imagem, associados à idade, raça, sexo, local de residência, renda, nível educacional, anos transcorridos desde a aposentadoria, religião, lazer, profissão, saúde etc. (Mason, 1954; Neugarten e col., 1961; Kogan e Shelton, 1962b; Preston e Gudiksen, 1966; Keith, 1977). O que há de mais interessante nessa área é a observação, reiterada por vários pesquisadores, de que mesmo quando experienciando condições inadequadas, os velhos tendem a expressar atitudes favoráveis e a negar que tenham problemas (Britton e Pritton, 1970; Carp, 1966; Lawton, 1973; e NCOA, 1975, apud Shaver, 1979). Uma interpretação para esse resultado é dada por Carp e Carp (1981). Acreditam que pode ser uma medida para reduzir a dissonância cognitiva, ou então uma reação a perguntas que acarretam

defensividade e conseqüentemente respostas subavaliativas. Para outros autores, o dado se explicaria pela diferença na auto-rotulação como idoso, feita pelos sujeitos dessas pesquisas, e a rotulação realizada pelos pesquisadores.

De todo modo, também nesta área os dados são conflitantes e inconclusivos, não se podendo afirmar nem que existe predominância de atitudes negativas entre idosos, nem mesmo que a auto-definição como velho esteja associada a elas.

Existem igualmente muitas inconsistências entre os relatos que focalizaram o sexo do sujeito como correlato de atitudes em relação ao velho. Por exemplo, Tuckman e Lorge (1952); Neugarten (1961); Kogan e Shelton (1962a e b); Perrill (1963); e Mc Tavish (1971) indicaram que as mulheres são mais negativas em seus pontos de vista do que os homens, e que eles são também mais estereotipados. Porém Troll e Schollsberg (1970) e Thorson (1975) concluíram o inverso. Outros autores não verificaram associações com o fator sexo (Kogan, 1961; Rosencranz e Mc Nevin, 1969; Britton e Britton, 1970 Ivester, 1975).

Poucos estudiosos procuraram associações entre sexo do alvo e sexo dos sujeitos sobre a percepção de idosos de um modo geral, de idosos masculinos e femininos e de adultos de várias idades, inclusive idosos (O'Connell e Rotter, 1979; Brewer, Dull e Lui, 1981 apud Gekoski e col., 1985; Baker, 1983; e Gekoski e col., 1985. São estudos mais sofisticados quanto aos instrumentos para coleta e análise de dados, e que apresentam melhores pistas para o estudo da questão. Assim, O'Connell e Rotter (1979) não verificaram diferenças em atitudes de pessoas mais jovens em relação a homens e mulheres de 75 anos de idade. No entanto, dentre as dimensões de atitudes discutidas por eles, as mulheres idosas foram julgadas como mais positivas quanto à aceitabilidade pessoal. Brewer, Dull e Lui (1981 apud Gokuski e col., 1985) relataram que seus sujeitos atribuíram diferentes afirmações descritivas a fotos de "avós" e de "senhores". Gekoski e col. (1985) concluíram que o sexo do sujeito e o sexo do alvo afetam as percepções de pessoas mais jovens sobre alvos de diferentes idades, e que delineamentos inter e intra-sujeitos produzem diferentes caracterizações de alvos de diferentes idades e sexos. Em suma, esses estudos sugerem que pessoas mais jovens têm diferentes atitudes em relação

a diferentes tipos de velhos. Como afirma Schonfield (1982) em artigo crítico sobre a generalização de estereótipos negativos em relação ao velho, só poderemos chegar a alguma conclusão sobre a questão, quando pudermos saber qual é o tipo de alvo (sexo? idade? raça? renda? escolaridade?) a que o nosso informante de pesquisa se refere. Creio que este é o cerne da questão das inconsistências e controvérsias da literatura que a presente resenha vem revelando.

Os estudos sobre atribuições de sucesso e fracasso a pessoas idosas, como função da idade, pertencem a um domínio correlato ao das atitudes em relação ao velho, e têm permitido inferências a respeito destas. Na literatura, eles aparecem contextualizados no enfoque psicossocial de percepção de pessoas e na teoria de atribuição. De um modo geral, esses estudos, bastante significativos para a prática, demonstraram que não ocorre uma atribuição consistente de fracasso, aos velhos e de sucesso aos jovens. Porém, o fracasso dos velhos tende a ser atribuído a causas estáveis, como por exemplo, falta de capacidade e dificuldade da tarefa. Já o insucesso dos jovens é atribuído a causas instáveis, como por exemplo, falta de esforço (Banziger e Drevenstedt, 1982; Reno, 1979).

Vários pesquisadores investigaram outros correlatos das atitudes frente ao velho, tais como: classe social, família, autoritarismo, anomia, estado civil, renda, educação, região geográfica de residência, auto-definição política, ocupação, contato com idosos. Porém a impressão a respeito deles também é de inconsistência e de baixa associação. De um modo geral, tendem a aparecer diferenças mais interessantes em estudos com melhor planejamento e controle de variáveis, associados a proposições teóricas mais nítidas e tratamento de dados mais refinados.

O ponto de vista teórico e empírico de quem fez uma pergunta determina em grande parte o conteúdo da resposta. Em pesquisa isto significa que o problema contextualizado por um ponto de vista teórico e/ou empírico, determina não só a forma de interpretar os dados, como também a escolha dos instrumentos e delineamentos para sua coleta. O próximo tópico girará em torno desses temas, ao focalizar algumas questões conceituais e metodológicas ligadas ao estudo de atitudes em relação à velhice.

CONCLUSÕES: QUESTÕES CONCEITUAIS E METODOLÓGICAS

Pelo que se pode observar na maioria das pesquisas que investigam variáveis individuais e transculturais, a literatura sobre atitudes em relação à velhice é essencialmente atórica. A ênfase recai em instrumentos e técnicas, e não em processos e constructos. De modo geral, os investigadores não discutem os mecanismos afetivos e cognitivos responsáveis pelas atitudes. Como exceção à regra, pode ser mencionado o uso da teoria da atribuição, por exemplo, por Connor e col. (1977), Reno (1979), Cool (1981) e Bangizer e Drevenstedt (1982).

Com certeza a pesquisa gerontológica sobre atitudes ganharia em coerência interna e em significância prática, se desenvolvesse uma teorização adequada a seus propósitos. Os enfoques cognitivos em Psicologia Social, a teoria de aprendizagem social (com suas vinculações à Psicanálise, à Antropologia e ao Behaviorismo) ou o enfoque de Staats (1975), quanto a behaviorismo social, parecem adequar-se a esse intento.

Da análise da literatura também emerge a impressão de enorme confusão entre termos e níveis de análise, como já se observou. É importante notar que os estudos iniciais eram mais discriminativos quanto às suas dimensões e grupos de referentes do que muitos estudos subseqüentes. O Tuckman Lorge Questionnaire, por exemplo, foi desenvolvido com o intento específico de representar 30 áreas de conteúdo, no domínio das atitudes em relação ao velho. O Rogan's Attitudes Toward old Person Scale foi construído para incluir 6 categorias, e o "Life Satisfaction Index", de Neugarten, Havighurst e Tobin (1961), pretendia refletir várias dimensões a nível pessoal. Adicionalmente, vários outros estudos iniciais envolviam avaliações separadas do self e de pessoas mais velhas, de companheiros idosos, ou do processo de envelhecimento (Kogan e col., 1961, 1962a, 1962b; Carp, 1967b; Preston, 1966a e 1966b). Entretanto, investigações subseqüentes não se pautaram por esse quadro de referência conceitual, como é atestado pelo uso indiscriminado dos termos velhice e velho. Kafer e col. (1980) tentaram responder à demanda de se construir instrumentos discriminativos quanto à velhice pessoal, a velhice de outros velhos e a velhos em geral, elaborando um instrumento multidimensional, o

"Aging Opinion Survey". A partir de um conjunto inicial de 120 itens, sucessivos refinamentos e análises fatoriais, produziram 3 escalas de 15 itens cada uma: estereótipos referentes a perdas em decorrência da velhice, ansiedade pessoal em relação à velhice e valor social do velho. Nos três fatores estão claramente representados diferentes grupos de referência e cada fator inclui várias áreas de conteúdo. Um estudo desta natureza representa, sem dúvida alguma, um avanço metodológico em relação à distintividade do objeto avaliado por pesquisas de atitudes quanto ao velho e à velhice.

As confusões conceituais se fazem sentir também na análise dos conteúdos dos instrumentos de medida. Segundo Hickey e col. (1978-79), muitos itens refletem atitudes em relação à antecipação da velhice, ou então traços indesejáveis de personalidades, e não atitudes em relação ao velho propriamente dito. Ainda, um exame das afirmações do Tuckman-Lorge Questionnaire mostra que eles não são atitudinais. Assim, ao invés de terem uma conotação avaliativa, elas explicitam crenças (Exemplos: "Eles se preocupam com a segurança financeira"; "Ocorre uma alta taxa de suicídio entre idosos") em relação às quais é difícil imaginar qualquer disposição positiva ou negativa. Em suma, sob a rubrica atitudinal, esse e outros instrumentos incluem uma coleção heterogênea de afirmações sobre crenças e atitudes (Kilty e Feld, 1976; Brubaker e Powers, 1978; Kogan 1978-79).

Esta área de pesquisa também se ressentida da escassez de trabalhos que dêem conta da relação entre atitudes e comportamento, em que pese ser esse um problema típico da área de estudos psicossociais sobre atitudes. O reduzido número de pesquisas dessa natureza na área gerontológica talvez reflita a dificuldade de definir indícios comportamentais significativos e independentes da mediação do comportamento verbal controlado por instrumentos padronizados. Certamente essa deficiência não invalida ou torna estérreis as pesquisas no domínio da Gerontologia. Afinal, o conceito de atitude foi concebido e desenvolvido como um conjunto de amplas variáveis disposição, capazes de mediar uma ampla variedade de comportamentos relevantes em relação a um dado objeto. Ele é, portanto, útil em relação aos objetos velho e velhice, visto que sua investigação pode servir de base para intervenções planejadas,

no sentido de melhorar as condições do velho, da velhice e do envelhecimento.

Uma última questão metodológica a ser mencionada, fundamental ao raciocínio que norteou a presente análise, é que, pela sua própria estrutura, os instrumentos correntes forçam um processo de supergeneralização, visto que os sujeitos são solicitados a responder a velhos enquanto uma classe. Ao assim proceder, aciona-se um processo cognitivo que consiste em focalizar, homogeneizar e distinguir um determinado grupo de idade de outros. Quando, além disso, o pesquisador solicita o confronto entre pessoas pertencentes a diferentes grupos etários, impõe também ao sujeito a tarefa de hierarquizar as classes e atribuir-lhes valores diferenciais. Portanto, a utilização de escalas generalizadas de atitudes não só não resolve como mascara a questão da especificidade da resposta. Nesse sentido, Wingard e col. (1982) realizaram uma engenhosa exploração sobre os efeitos de variações contextuais sobre atitudes em relação ao idoso. Modificaram o Tuckman Lorge Questionnaire de modo que todos os itens refletissem afirmações avaliativas e o administraram a 263 adultos em dois contextos de julgamento. Um grupo foi solicitado a realizar julgamentos comparativos, especificando o quanto os itens do instrumento eram descritivos de pessoas jovens ou idosas. O segundo grupo fez julgamentos isolados, apenas de pessoas idosas. As análises revelaram que os adultos no contexto comparativo expressaram atitudes mais negativas em relação aos idosos do que os do contexto isolado. Ou seja, diferentes alvos de pesquisa são ocasião para diferentes resultados, dependendo de fatores cognitivos e afetivos do sujeito e da estruturação do instrumento que coleta o dado.

Em resumo, as evidências apontadas deveriam servir como princípios críticos norteadores para a ainda incipiente pesquisa gerontológica nacional que, idealmente, não deveria deixar-se levar pelos preconceitos científicos e desacertos metodológicos que têm caracterizado a área.

ABSTRACT

This paper analyses instruments, data and interpretations vehiculated by a research sample published from

1945 to 1987, focusing relations between attitudes toward aging and psychosocial variables (as age, sex, schoolarity and occupational levels). It presents a conceptual and methodological analysis, concluding that there is not sufficient evidence that permits to point prevalence of negative attitudes toward aging in individuals or small groups. The research instruments are not adequately discriminative, nor the levels of analysis are clearly defined. That is an atheoretical area, perhaps affected by the same prejudice (ageism) studied by Gerontology.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AXELROD, S. & EISDORFER, C. (1961). Attitudes toward old people: An empirical analysis of the stimulus group validity of the Tuckman-Lorge Questionnaire. *J. of Gerontology*, **16**, 75-80.
- BAKER, P. M. (1983). Ageism, sex, and age. A factorial survey approach. *Canadian Journal of Aging*, **2**, 177-184.
- BANZIGER, G. & DREVENSTEDT, J. (1982). Achievement attributions by young and old judges as a function of perceived age of stimulus person. *J. of Gerontology*, **37**(4), 468-474.
- BECKER, L. D. & TAYLOR, C. (1966). Attitudes toward the aged in a multigenerational sample. *J. of Gerontology*, **21**, 115-118.
- BELL, B. D. & STANFIELD, G. G. (1973). Chronological age in relation to attitudinal judgements: an experimental analysis. *J. of Gerontology*, **28**, 491-496.
- BRITTON, J. O. & BRITTON, J. H. (1970). Young people: perceptions of age aging. *The Gerontologist*, **10**, 30.
- BRUBAKER, T. & POWERS, E. A. (1976). The stereotype of "old": a review and alternative approach. *J. of Gerontology*, **31**, 441-447.
- CARP, F. M. (1967). Attitudes of old persons toward themselves and towards others. *J. of Gerontology*, **22**, 308-312.
- CARP, F. M. & CARP, A. (1981). It may not be the answer, it may be the question. *Research on aging*, **3**, 85-100.

- CASPI, A. & ELDER Jr., G. H. (1986). Life satisfaction in old age: linking social psychology and history. *Psychology and aging*, 1(1), 18-26.
- COLLETTE-PRATT, C. (1976). Attitudinal predictors of devaluation of old age in a multigenerational sample. *J. of Gerontology*, 31(2), 193-197.
- CONNOR, C. L., WALSH, R. P. LITZELMAN, D. K. & ALVAREZ, M. G. (1978). Evaluation of job applicants: the effects of age vs. success. *J. of Gerontology*, 33, 246-252.
- COOL, L. E. (1981). Role continuity or crisis in later life? a corsican case. *Int'l J. Aging and Human Development*, 13(3), 169-181.
- CYRNS, G. & MONK, A. (1973). Attitudes toward youth as a function of adult age: a multivariate study in intergenerational dynamics. *International J. of Aging and Human Development*, 4, 23-33.
- DULCEY, E. & ARDILA, R. (1976). Actitudes hacia los ancianos. *Revista Latino Americana de Psicologia*, 8(1), 57-67.
- FRY, C. E. (1976): The ages of adulthood: a question of numbers. *J. of Gerontology*, 31, 170-177.
- GEKOSKI, W. L., KNOX, V. J., JOHNSON, E. A. & EVANS, K. R. (1985). Sex of target and sex of subjects effects on the perception of 25, 45, 65, and 85 years olds. *Canadian Journal on aging*, 3(4), 155-165.
- GOLD P. & KOGAN, N. (1959). A sentence completion procedure for assessing attitudes toward old people. *J of Gerontology*, 14, 355-363.
- GONÇALVES, L. H. T. (1980). Desenvolvimento de um instrumento de pesquisa: medida de atitude dos adultos em relação ao velho, Trabalho submetido a Concurso Público para Professor Titular, Deptº Enfermagem, Univ. Federal de Stª Catarina.
- GUNTER, L. M. (1971). Student's attitudes toward geriatric nursing. *Nursing outlook*, 19(7), 466-469.

- HICKEY, T., Hickey, L. & KALISH, R. A. (1968). Children's perceptions of the elderly. *J. of Genetic Psychology*, **112**, 227-235.
- HICKEY, T. & KALISH, R. A. (1968). Young people's perceptions of adults. *J. of Gerontology*, **23**, 215-219.
- HICKEY, T., BRAGG, S. M., RAKOWSKY, W. & HULTSCH, D. F. (1978-1979). Attitude instrument analysis: an examination of factor consistency across two samples. *Int'l J. Aging and Human Development*, **9**(4), 359-375.
- HOLTZMAN, J. M., BECK, J. D. & KERBER, D. E. (1979). *Dimensional Aspects of Attitudes Toward the Aged*. Presented at the 32nd Annual Scientific Meeting of the Gerontological Society. Washington, DC.
- HOLTZMAN, J. M. & AKYIAMA, H. (1985). What children see: the aged on television in Japan and United States. *The Gerontologist*, **25**(1), 62-68.
- IVESTER, C. & KING, K. (1977). Attitudes of adolescents toward the aged. *The Gerontologist*, **17**(1), 85-89.
- JANTZ, F. K., SEEFELDT, C., GALPER, A. & SEROCK, K. (1977). Children's attitudes toward the elderly. *Social Education* **41**, 518-523.
- KAFER, R. A., RAKOWSKY, W., LACHMAN, M. & HICKEY, T. (1980). Aging opinion survey: a report on instrument development. *International Journal of Aging and Human Development*, **11**(4), 319-333.
- KEITH, P. M. (1977). Life changes stereotyping and age identification. *Psychological Report*, **41**, 661-662.
- KILTY, K. M. & FELD, A. (1976). Attitudes toward aging and toward the needs of older people. *J. of Gerontology*, **31**, 586-594.
- KOGAN, N. & WALLACH, M. A. (1961). Age chances in values and attitudes. *J. of Gerontology*, **16**, 272-280.
- KOGAN, N. (1961). Attitudes toward old people: the development of a scale and an examination of correlates. *J. of Abnormal and Social Psychology*, **62**, 44-54.
- KOGAN, N. & SHELTON, F. C. (1962a). Beliefs about "Old People": a comparative study of older and younger samples. *J. of Genetic Psychology*, **100**, 93-111.

- KOGAN, N. & SHELDON, F. C. (1962b). Images of "Old People" and "People in general" en an older sample. *The Journal of Genetic Psychology*, **100**, 3-21.
- KOGAN, N. (1979a) A study of age categorization. *J. of Gerontology*, **34**(3), 358-367.
- KOGAN, N. (1979b). Beliefs, attitudes and stereotypes about old people. A new look at some old issues. *Research on Aging*, **1**, 12-36.
- LANE, B. (1964). Attitudes of youth the aged. *J. of Marriage and the Family*, **26**, 229-231.
- LAWRENCE, J. H. (1975). The effect of perceived age on initial impressions and normative role expectations. *International J. on Aging and Human Development*, **5**, 369-391.
- LAWTON, M. P. (1975). The Philadelphia Geriatric Center Morale Scale: a revision. *J. of Gerontology*, **30**, 85-89.
- LOOFT, W. (1971). Children's judgement of age. *Child Development*, **42**, 1281-1284.
- LUSZCZ, M. A. (1983). An attitudinal assessment of perceived intergenerational affinities linking adolescence and old age. *International J. of Behavioral Development*, **6**, 221-231.
- MASON, E. P. (1954). Some correlates of self-judgements of the aged. *J. of Gerontology*, **9**, 324-337.
- McTAVISH, D. G. (1971). Perceptions of old people: a review of research methodologies and findings. *The Gerontologist*, **11**, 90-101.
- MEYER, M. M. (1980). A comparison of attitudes toward the aged held by professional nurses. *Image*, **12**(3), 62-66.
- MITCHEL'L, J., Wilson, K., REVICKI, D. & PARKER, L. (1985). Children's perceptions of aging: a multi-dimensional approach to differences by age, sex, and race. *The Gerontologist*, **25**(2), 182-187.
- NERI, A. L. & WAGNER, E. C. de A. e M. (1985). Opiniões de pessoas de diferentes faixas etárias sobre velhice: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, **2**(2-3), 81-104.

- NERI, A. L. (1986). O inventário Sheppard para medida de atitudes em relação à velhice e sua adaptação para o português. *Estudos de Psicologia*, 3(12), 23-42.
- NEUGARTEN, B. L., HAVIGHURST, R. J. & TOBIN, S. S. (1961). The measurement of life satisfaction. *J. of Gerontology*, 16, 134-143.
- NEUGARTEN, B. L., LIWOOD, V., KRAINES, R. J. & LOOMIS, B. (1963). Women's attitudes toward the menopause. *Vita Humana*, 6, 140-151.
- NEUGARTEN, B. L.; MOORE, J. W. & LOWE, J. C. (1965). Age norms, age constraints and adult socialization. *American Journal of Sociology*, 70, 710-717.
- O'CONNELL, A. N. & ROTTEL, N. G. (1979). The influence of stimulus and sex on person perception. *J. of Gerontology*, 34, 220-228.
- PERRIL, L. S. (1963). An analytical study of attitudes toward aging and the aged. *The Gerontologist*, 3, 34.
- PRESTON, C. E. & GUDIENSEN, K. S. (1966). A measure of self-perception among older people. *J. of Gerontology*, 21, 63-71.
- RENO, R. (1979). Attribution for success and failure as a function of perceived age. *J. of Gerontology*, 34(5), 709-715.
- ROSENCRANZ, H. A. & McNEVIN, T. E. (1969). A factor analysis of attitudes toward the aged. *The Gerontologist*, 9, 55-59.
- SANDERS, G. F., MONTGOMERY, J. E. PITTMAN Jr., J. F. & BALKWELL, C. (1984). Youth's attitudes toward the elderly. *J. of Applied Gerontology*, 3(1), 59-70.
- SEEFELDT, C., JANTZ, R. K., GALPER, A. & SEROCK, K. (1977). Using pictures to explore children's attitudes toward the elderly. *The Gerontologist*, 17(6), 506-512.
- SHAVER, K. G. (1978-79). Attributional error and attitudes toward aging: a view of the NCOA National Attitude Survey. *Int'l J. Aging and Human Development*, 9(2), 101-113.

- SHEEHAN, R. (1978). Young children's contact with the elderly. *J of Gerontology*, **33**, 567-574.
- SHEPPARD, A. (1980). Attitudes toward aging: analysis of an Attitude Inventory for Younger Adults. Abstracted in the J. S. A. S. Catalog of Selected Documents in Psychology, 1981, **11**(3), 49.
- SHERMAN, N. C. & GOLD, J. A. (1978-79). Perceptions of ideal and typical middle and old age. *Int'l J. of Aging and Human Development*, **9**, 67-73.
- SCHONFIELD, H. (1982). Who is stereotyping whom and why? *The Gerontologist*, **22**(3), 267-272.
- SCHUSTER, C. T. (1985). Atitude dos componentes da equipe de enfermagem acerca das pessoas idosas. Dissertação de Mestrado em Enfermagem, Univ. Fed. de Sta. Catarina.
- STROLE, L. (1956). Social integration and certain corollaries. An exploratory study. *American Sociological Review*, **21**, 709-716.
- STAATS, A. W. (1975). *Social Behaviorism*. Homewood, Ill: The Dorsey Press.
- THOMAS, J. A. & YAMAMOTO, K. (1975). Attitudes toward age: an exploration in school-age children. *International Journal of Aging and Human Development*, **6**, 117-129.
- THORSON, J. A. (1975). Attitudes toward the aged as a function of race and social class. *The Gerontologist*, **15**(4), 343-344.
- TOLLETT, S. M. & ABRAMSON, C. M. (1982). The need for gerontologic content within nursing curricula. *J. of Gerontological Nursing*, **8** (10), 576-580.
- TOLLETT, S. M. & THORNBY, J. J. (1982). Geriatric and gerontology nursing curricular trends. *J. of Nursing Education*, **21**(6), 16-23.
- TROLL, L. E. & Scholsberg, N. (1970). A preliminary investigation of "age bias" in helping professions. *The Gerontologist*, **10**, 46.
- TUCKMAN, J. & LORGE, I. (1952a). The effects of institutionalization on attitudes toward old people. *J. of Abnormal and Social Psychology*, **41**, 337-344.

- TUCKMAN, J. & LORGE, I. (1952b). Attitudes toward old workers. *J. of Applied Psychology*, **35**, 149-153.
- TUCKMAN, J., LORGE, I & SPOONER, W. (1953). Attitudes toward old people. *J. of Social Psychology*, **37**, 249-260.
- TUCKMAN, J. & LORGE, I. & ABRAMS, N. (1954a). The influence of changing directions on stereotypes about aging: before and after instruction. *Educational and Psychological Measurement*, **14**, 128-132.
- TUCKMAN, J. & LORGE, I. (1954b). Old peoples appraisal of adjustment over the life span. *J. of Personality*, **22**, 417-422.
- TUCKMAN, J., & LORGE, I. (1958). Attitude toward aging of individuals with experiences with the aged. *J. of Genetic Psychology*, **92**, 199-204.
- WEIMBERGER, A. (1979). Stereotyping of the elderly: elementary school children's responses. *Research or Aging*, **1**, 113-136.
- WEIMBERGER, I. E. & MILHAM, J. (1975). A multidimensional, multiple method analysis of attitudes toward the elderly. *J. of Gerontology*, **30**(3), 343-348.
- WHITE, C. B. (1982). A scale for the assessment of attitudes and knowledge regarding sexuality in the aged. *Archives of Sexual Behavior*, **11**(6), 491-502.
- WILLITE, M. J. & JOHNSON, D. M. (1976). Changes in nursing student's stereotypic attitudes toward old people. *Nursing Research*, **25**(6), 430-432.
- WINGARD, J. A., HEATH, R. & HIMELSTEIN, S. A. (1982). The effects of contextual variations on attitudes toward the elderly. *Journal of Gerontology*, **37**(4), 475-482.